



ANNO I

RIO DE JANEIRO

N. 3

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barreto,
Licínio Cardoso e Pedro Ivo

MARÇO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

SUMMARY.—Destino do realismo.—Revolucões do theatro no presente seculo.—A poesia do seculo XIX.—Poesias: *Sua alcova, A França, A ternura fital*.—Chronica.

Destino do realismo

A presença da escola realista, cada vez manifestando cores mais accentuadas, em todos os generos de composições artisticas, é, a nosso ver, inevitavel. Sua influencia directa, real e sobretudo de accordo com o grão de aperfeiçoamento moral e intellectual da sociedade, caracterizará, a nosso pezar ou não, uma phase distincta do desenvolvimento esthetico.

Não se julgue que nos apresentamos convidando ao campo da licia aquelles que, levados pelas phantasias d'uma imaginação ardente, e inspirados nas supremas harmonias do bello, tendo o coração repleto de ternuras e a alma a expandir-se em perfumes voluptuosos, vêm no realismo a completa profanação do que a arte tem de mais puro e immaculado—o ideal. Conhecemos a nossa incompetencia: queremos apenas lavrar um protesto contra a missão ridicula que attribuem a esta escola, contra a supposição de que é ella incapaz de subsistir por si mesma, e está destinada a polluir-se ao contacto impuro do materialismo.

Entre o sentimento do bello, todo synthetico, e o sentimento philosophico, essencialmente analytico, ha uma immensa lacuna : nunca elles se confundiram, nunca suas espheras de acção se penetraram ; mas assim como ha a lei physica, e o crepusculo é o presagio do dia e o prenuncio da noite, ha a lei moral, e a arte, que representa as formas infinitas da imaginação, tem reflectido, — pouco intensamente, é verdade, em virtude de sua natureza diaphana, pois que é a concretisação de tudo quanto o espirito tem de mais puro e crystalino — as evoluções sociaes tão bem analysadas e determinadas pelo immortal Augusto Comte em sua Philosophia Positiva.

Aqui temos um reparo a fazer ; ha uma injustiça que não podemos calar : Augusto Comte, esse espirito soberano, que pesquisa os mais sombrios arcanos da sciencia com a mesma magia, facilidade e clareza com que entra no santuario augusto da poesia ; que é, a um tempo, a luz scintillante do genio, nascendo, fulgurando onde era treva, e a synthese de todos os conhecimentos humanos ; vagueando na immensidade, coordena todas sciencias, estabelece suas relações, suas aproximações, seus afastamentos ; analysa a humanidade com o profundo vigor que lhe é inherente, e em seu colloquio com o bello proclama-o absolutamente livre, impalpavel e nunca susceptivel de submeter-se a uma modalidade qualquer. Elle nunca quiz obrigar a arte ás deducções e processos mathematicos, nunca quiz inscrevel-a em uma forma geometrica.

Para justificar a apparencia natural do realismo nas bellas-artes, necessitamos d'uma ligeira comparação — como o permitem nossos minguados recursos e o limitado espaço de que dispomos — entre as phases do desenvolvimento esthetico e as escolas philosophicas que, segundo A. Comte, têm caracterisado o estado do espirito humano nos diversos periodos de civilisação.

Estamos sob os auspícios da philosophia theologica : a escola da arte que nasce, sob o esplendor grego e romano, é o classismo.

Durante toda esta phase philosophica o sentimento esthetico tem uma fonte perenne de inspiração : o fetichismo, dando vida a toda a natureza, faz de cada sêr uma entidade mysteriosa, sobrenatural ; a superstição crêa os sêres invisiveis, os genios do bem e do mal, e é vasto o campo aos desvarios da imaginação que, alimentando-se da poesia, é sem duvida,

a única faculdade activa no homem ; o polytheismo tem os seus deuses multiplos, e a arte, esplendida de belleza, reside com elles no Olympo, desce com elles á terra para aformoseal-a, leva-os á presença dos mortaes para tornal-os participes nos seus prazeres. Cada deus tem sua historia, narra-a a poesia.

Chegamos á philosophia methaphysica, critica ou revolucionaria; vemol-a em luta com a philosophia theologica; quer derribal-a, substituir os seus principios decrepitos por outros mais consentaneos. As bellas-artes elevam-se; já não trazem os deuses á morada dos mortaes, conduzem o homem á eternidade, morada do Deus unico: o monotheismo annullou o polytheismo. E' preciso dizer-se que Augusto Comte comprehende na epoca theologica, a idade do feudalismo; mas é innegavel, o que elle reconhece, que o christianismo, essa philosophia eminentemente organica, que elevou a sociedade a um maravilhoso grão de desenvolvimento, trouxe consigo os principaes dogmas da philosophia revolucionaria: considerando todos os homens irmãos pela crença universal e irmãos pela alma, emanção de uma mesma essencia divina, estabeleceu os dogmas da liberdade, igualdade e fraternidade.

A arte, recobendo o impulso do christianismo, attinge ao alto grão de desenvolvimento evidenciado por Chateaubriand em sua judiciosa analyse, quando compara as creações inspiradas na mythologia com aquellas, cuja fonte de inspiração é a nova religião; chega á idade media, e tem um periodo de intermittencia: é emquanto contribue para a formação das preciosidades que nos vêm desse tempo: as linguas hespanhola, franceza e italiana.

A intimidade e correlação que os diversos ramos das bellas-artes têm entre si, são attestadas aqui pela intermittencia tambem da musica, pintura, esculptura e architectura, quando só devia manifestar-se na poesia, única que contribue directamente para a formação das linguas.

Passado esse periodo, as bellas-artes como que renascem; despiram as roupagens antigas, trajam novos enfeites, e a architectura gothica avulta entre elles. E' então que começa a luta das duas escolas: a classica e a romantica. Aquella quer seguir os modelos antigos, tem as reminiscencias do Olympo, da antiguidade pagã e republicana; esta quer dar á palavra a expressão immediata do pensamento, precisa elevar o christianismo, commemorar os

tempos cavalleirescos e fazer apologia das cruzadas. Aquella quer o modo antigo de amar a mulher; esta, encontrando-a elevada pelo christianismo, a quer amada como esposa e como mãe. Ambas, lutando e progredindo, para o que contribue a fixidez do estado feudal, divulgam e tornam populares as linguas recentemente formadas.

E, depois que o romantismo apresenta-se victorioso na Inglaterra, quando escudado pelo genio poderoso de Shakespeare; depois que o poéta da natureza, o pintor por excellencia — Chateaubriand — transporta-o definitivamente para a França; depois, quando o mundo acaba de assistir á grande explosão chamada revolução franceza; quando acaba de ver a idade antiga completamente separada da idade moderna, pois medeia entre ellas a queda do feudalismo e a proclamação das liberdades e direitos do homem; quando finalmente acaba de presenciar as tentativas do genio do exterminio — Bonaparte — querendo reconduzir a sociedade para o passado, assiste tambem á luta litteraria das duas escolas. Entre ellas está o vulto portentoso de Victor Hugo; tem na frente as reverberações do genio, com uma das mãos aponta ao classicismo a estatua do silencio, com a outra entrega ao romantismo a arma da victoria — o *Hernani*.

Agora estamos na epoca estacionaria: a philosophia é a mixta, prende-se á theologica e á revolucionaria; a sociedade fluctua entre ellas; identica fluctuação dá-se nas bellas artes. A formula *cultivar a arte para divertir o publico* tem agora applicação.

E' que o sentimento esthetico exige certa estabilidade social para desenvolver-se; exige que o actor e o espectador tenham o mesmo scenario. E' que as bellas artes e a industria marcham de mãos dadas: atacar esta é atacar aquellas. Quem poderá dizer onde uma arte, que se occupa com a forma exterior, deixa de pertencer á esthetica para pertencer á industria? Não ha solução de continuidade. Os governos o tem sentido, e, começando pelo de Luiz XIV, têm estendido sua protecção ás bellas artes. Dizem os historiadores que este rei, acorçoando o genio esthetico, não via ali um sustentaculo á industria, porém á realeza. Seja como fôr, prestou relevante serviço.

Hoje, que a philosophia positiva entra em luta com as que lhe têm precedido, o realismo apparece exigindo o lugar que lhe cabe na arte.

As probabilidades de seu desenvolvimento é o que analysaremos.

Rio, 1 de Março de 1878.

(Continúa)

LIGINIO CARDOSO.

(Continúa) □ CARDOSO □

Revoluções do theatro no presente seculo (1)

(LIDO EM SESSÃO AO DISCUTIR-SE A THESE SUPRA, POR
URBANO DUARTE)

Senhores.—O fim do seculo XVIII foi uma hecatombe social e politica; e sendo a grande revolução o desabamento do dique em que durante séculos se agglomerára o ressentimento das classes opprimidas, o brado de reforma radical desceu ás entranhas da terra e foi ouvido pelas estrellas do céu. A'quelle amalgama monstruoso de toda sorte de paixões nobres e vis, d'onde devia surgir o genesis moderno, cabe bem o epitheto de cahotico.

Como se explica, pois, que n'esse mare-magnum onde tudo revolveu-se e transformou-se, onde foram impacientemente sacudidas todas as oppressões, como se explica que restasse a litteratura estagnada nos moldes classicos legados pelo genio dos dous seculos anteriores, impregnada pelo espirito philosophico de Voltaire, e apoiando-se exclusivamente nos preceitos dos Aristarchos modados do seculo XVII? Como se comprehende que o espirito d'aquelles tempos exaltados não procurasse explorar o terreno da arte, tão fecundo, tão variado, tão pittoresco?

Porque motivo persistiu a arte dramatica entre a aridez de um systema esgotado, algemada nas tres unidades aristotelicas, inspirando-se em imitações já imitadas, definhando de insipidez e anemia, até por fim irromper, no começo do 2º quartel do nosso seculo, fogosa, delirante, invencível, sob a magica evocação do velho William?...
□ SATOSISADIO □

(1) Precedido de um estudo prévio sobre o theatro classico francez no seculo XVII.

não aconteceu durante o regimen imperial? por duas razões, uma razão de ordem e um grande incidente historico.

A razão de ordem consiste em que essas revoluções incruentas fazem-se em plena paz, com o pensamento calmo, o coração regular, sem affannosas preocupações de ordem pratica e positiva; o incidente historico foi o apparecimento do cezarismo napoleonico, durante o qual ouviu-se tão sómente o atroar incessante do canhão.

A' parte composições de genero especial ou peças de propaganda immediata, com as quaes a poesia dramatica pouco tem que ver, a verdade é que durante essas duas valentes epopeias historicas, uma — bachanal de sangue e lagrimas em que a meretriz demagogica dançava ao som dos gemidos de uma civilisação decrepita, outra — evohé febricitante ap Alexandre moderno, a verdade é que nos vastos dominios da imaginação e do ideal reinou a mais completa esterilidade. O pendão auri-azul da poesia, faltando-lhe as auras da liberdade, não tremulou, dobrou-se triste sob o crepe da oppressão.

Foi exactamente no anno em que inaugurou-se a politica liberal do *justo meio*, n'esse reinado de paz e prosperidade conhecido sob a denominação de Luiz Felipe, que a imaginação resuscitou da sua criminosa lethargia e reasumio todo seu poderio, usurpado ha tanto tempo pela força mais ou menos bruta.

Os primeiros annos do moderno renascimento marcão uma epocha de gestação litteraria, de lutas, contestações, polemicas, desandadeiras etc. O theatro, que é o pulso de uma litteratura, foi o campo do combate; e foi á luz da rampa que o classismo de chinó, empoado, presumido, incapaz, sem uma pinga de sangue nas veias, morreu e morreu de uma vez; suas tragedias soporíferas forão dormir o somno do esquecimento por entre a traça das bibliothecas e o Drama surgiu esplendoroso e radiante em meio de um *mise-en-scene* rico, luxuoso, opulento.

Querendo-se perceber na historia litteraria o ponto de junção da tragedia com o drama, vê-se que o genio de Casimir Delavigne é o representante mais genuino d'esse ecclétismo dramatico em que entrão em correctas e perfectas proporções todos os elementos de uma peça theatral. Discreto no desenvolvimento das theses, sabedor de todas as bellezas do estylo, alliando o pathetico ao pittoresco, isto

é, coadunando o sentimento e a paixão tragica com as exigencias do drama em relação à *côr local e variedade unitaria*, tem E. Delavigne a gloria de ser um innovador sem *tapage*. Tivemos occasião de verificar o que digo em seu admiravel drama *Luiz XI* desempenhado de um modo absolutamente magistral por E. Rossi, quando aqui esteve ha annos. A tragedia classica tem querido de quando em vez erguer a cerviz em pleno seculo XIX; mas sempre transitoriamente e isso sómente quando é invocada pelo genio de uma Rachel; da mesma forma que só um Frederico Lemaitre ou um João Caetano pôde dar vida ao romantismo descabellado e sanguinolento, melodrama de capa e espada onde o pathetico transforma-se no ridiculo, e que faz as delicias do *gallinheiro* do theatro de S. Pedro.

As revoluções do theatro no presente seculo, consideradas pela alta critica sob um ponto de vista generico contém-se na *tragedia*, no *drama* e na *comedia*, que correspondem ás tres escolas — classica, romantica e realista; sendo a ultima consequencia e extensão da segunda. E. Littré, espirito eminentemente lucido e synthetizador, deu a differença entre os dous primeiros do modo mais geral e justo, que temos lido.

Diz elle que na tragedia classica os personagens, a acção, o estylo, todo o mechanismo dramatico emfim, é apenas um pretexto para o desenvolvimento de uma ideia abstracta, uma these geral. Perguntamos nós, qual será o resultado d'esse systema para aquelles que não se chamão Racine, Corneille? Necessariamente uma cousa pallida, abstracta, incolor, um tratado de moral com pernas de rethorica, tudo, menos uma verdadeira obra d'arte, que deve ser livre, complexa, variada e pittoresca, sendo ella, como é, interpetração luminosa d'esse vasto e complicado kaleidoscopio que se chama a Natureza humana.

Refere Baron que o culto das tres unidades de *tempo*, *lugar* e *acção* foi tal durante o reinado do classismo degenerado, que o poeta — Renouard, — na sua tragedia dos — *Templarios* — teve a habilidade de fazer prender, processar e executar seus heróes no espaço de 24 horas e no mesmo lugar, prejudicando assim todas as regras da verosimilhança. E não só a verosimilhança mas tambem a *côr local*, esse elemento legitimo e indispensavel, foi completamente desprezado pelos sectarios da tradição em-

birrrante e tropega. Houve, por exemplo, um academico, que depois de ter composto o plano e os versos de uma tragedia cuja accção passava-se na Hespanha da idade media, ponde, sem mais nem menos, sem alteração alguma, transladar a mesma accção para as margens do Euphrates na antiga Assyria. O melhor é que o author d'essa monstruosidade foi applaudido e continuou á fabrical-as do mesmo jaez.

Ao contrario d'esses absurdos, o *drama romantico*, como observa Littré, é o desenvolvimento de uma situação especial e caracteristica, concomitante a comprovar uma these geral. E' a liberdade na arte, como ha pouco definimos.

Quem quizer conhecer o evangelho, o cathecismo, o *mot d'ordre* d'esse movimento litterario que enforcou a tragedia em plena academia, que descortinou perspectivas immensas ao talento possante da mocidade de 1830, leia o celebre *prefacio* do drama — *Cromwell* — producção do poeta soberano que jamais se cança de pôr annulos á gloria litteraria da França, e cuja magestática personalidade resta sobranceira aos annos e soffrimentos.

V. Hugo é pois o grande propulsor, o chefe, o patriarcha da livre litteratura como hoje a conhecemos, o arauto do grande sezanno, perante o qual descerrarão-se á imaginação horizontes illimitados.

(Continúa.)

A poesia do seculo XIX

A philosophia positiva, luzeiro grandioso que surgiu com o genio extraordinario de Augusto Comte, limite de todas as evoluções do espirito humano desde a era a mais remota, devia, fatalmente, influir nas artes como em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Sol de um mundo que hade, forçosamente, surgir das ruinas do passado, cujos raios penetram o mais fundo dos abysmos ella vae marcar a phase para onde caminha o genero humano desde os seus passos ainda vacillantes — a phase da Humanidade. E' por isso que a mocidade amiga do bem e da verdade descortinando o mundo já pelo prisma da justiça e do direito.

espera pelo raiar do novo dia em que deverá ser escripto o primeiro canto de um immenso poema, todo inspirado nas sublimidades de suas doutrinas.

Só com o seu auxilio a arte pôde revestir-se da authoridade que é compativel com o seu destino.

Debalde o limitado grupo dos adeptos das escolas e principios anachronicos clamam e protestam contra a sua influencia na arte moderna; debalde invocam a memoria dos grandes vultos das escolas classica e romantica, vultos que todos nós admiramos, collocando-os em suas respectivas epocas; debalde procuram substituir pela phrase dôce e amena o que lhes falta de objectivo, de humano e de verdadeiramente bello debaixo de todos os pontos de vista estheticos; debalde tudo isso. As suas proprias phrases repassadas do mais perfumoso lyrismo passam, são leves como o vento, morrem, e dellas nem a mais pallida lembrança fica. Chegam a uma subjectividade excessiva, e não só hallucinam-se, como aconselham a humanidade à hallucinação.

Pois bem, á vós a imaginação desordenada, improduttiva, a ficção extravagante, á nós o sentimento e a idealisação da realidade. A' vós as ceremonias que restam do monotheismo christão, á nós o amor e a abnegação ao trabalho que eleva o homem ao santuario da liberdade e do progresso.

Deixemos, porem, os sonhadores com a sua desorganisação mental entoareem hosannas ao cadaver que vae sepultar-se no grande asylo em que trabalhara tanto tempo, deixemol-os prantearem o seu desaparecimento ás bordas de tão imponente attitude!...

Elles são homens dos seculos que passaram; prendem-se ainda por laços bem estreitos aos dogmas que a todo o momento perdem a sua força de authoridade porque a verdade substitue os seus mysterios. Como os velhos alchimistas, em busca de metaes preciosos com que deviam chegar ás riquezas que idealisavam, em demanda da *celebre pedra philosophal que lhes devia mostrar os segredos por onde conseguiriam uma existencia eterna*, elles vivem ainda hoje em escavações constantes em busca de um ser sobrenatural a quem consagram o seu culto, e de quem os positivistas não affirmam nem negam a sua existencia. O culto dos positivistas é mais universal, abraça a humanidade inteira, não é um culto a um ente exclusivo e hypothetico.

O espirito moderno é indifferente ao que vos outros procuraes! Deixae, portanto, que passe a corrente cujos elos são intimamente ligados uns aos outros, pelos lidadores que tudo buscam nas sciencias positivas e digamos todos com Poey: « Cantemos o novo homem em presença do novo Deus o homem positivo em presença da humanidade. »

A arte, segundo a diffinem os positivistas(1), é a representação ideal destinada a cultivar o instincto da perfeição humana.

« A imitação, a invenção e a expressão, são os tres attributos esteticos da arte cujo complexo constitue a idealisação. »

A arte é vasta e grandiosa como a sciencia, ella crêa typos moldados no sentimento, que encantam, ao passo que concorre para os fins benéficos da existencia humana. Desses sentimentos e dos effectos que podem ser modificados, entrando para o dominio da realidade, nasce a principal grandeza da arte.

Deixae á imaginação a subjectividade illimitada e nada tereis produzido de util e agradável. A arte penetra em toda a parte, na harmonia e regularidade plastica das regiões celestes como na multiplicidade dos phenomenos terrestres, sem a pretensão, entretanto, de apoderar-se daquillo que lhe não pertence.

Os positivistas traçando em paginas de luz e de verdade o papel sublime das artes, a sua historia verdadeira, e dotados dos mais puros affectos, só elles poderão sentir os effectos dos seus arrebatadores encantos.

Entremos no ponto objectivo deste artigo.

Emanipando-se do jugo theocratico primitivo com Homero, o creador do poema epico, a poesia desde então começou a dirigir-se para a perfeição a que tem, em diferentes periodos, attingido; com Eschylo quinhentos annos depois, com o Dante na renascença das bellas-arts, com Molière e mais modernamente com Goethe, Byron e Alfredo de Musset. Ella que em outros tempos não passava de uma mercenaria, de instrumento lucrativo, como com Pindaro, o maior genio da poesia lyrica do seu tempo, que levou a exaltar tyrannos e os athletas que se apresentavam nos circos olympicos; com Horacio, que para tornar-se agra-

(1) Poey, *Esthetica Positiva*.

davel aos olhos de Augusto collocava-o acima dos Deuses do Olympo; ella que por muito tempo viu-se deslocada de sua grandiosa missão, como um dos primeiros elementos de civilisação de um povo, hoje assumindo a posição que na hierarchia das artes lhe é conferida, de braços dados com as doutrinas modernas, toma parte na solução de todos os problemas sociais, e, com os elementos que lhe fornece a sciencia, falla em todo o mundo culto, com a complexidade que a torna a menos technica das artes, das maravilhosas invenções e descobertas que constituem a gloria do seculo XIX.

Dos variadissimos phenomenos que resultam dos innumerables elementos da natureza, da idealisação do que é real e humano, o poeta moderno produz tudo o que pode ser util e ao mesmo tempo agradável.

A poesia assim concebida é a unica possível perante a grandeza prodigiosa deste seculo.

Conven, entretanto, prevenir o espirito dos anathematizadores desta escola, que jamais nos referimos a um realismo absoluto, *que tudo mata, que faz desaparecer a noção do bello e que enerva e delicia os sentidos*, como dizem constantemente. O realismo absoluto na poesia, e na arte em geral, é tão impossivel como é impossivel da prata fazer-se ouro.

Nem se diga tambem que a poesia realista só neste seculo pôde apparecer. Ella vem de muito longe: quem já leu Ovidio hade conhecer, independentemente da historia, o estado venal e decadente da sociedade romana do seculo de Augusto, e dessa epoca até nós vão quasi dous mil annos. O Dante abriu largas portas á poesia social.

A *Divina Comedia* ao passo que é um brado terrivel contra o despotismo e contra a injustiça, é tambem a voz cheia de força e de vigor que clama pelos direitos do homem. O *Tartufo* e o *Misanthropo* de Molière são a imagem fiel da sociedade franceza no XVII seculo, em que a hypocrisia e o fanatismo levaram de vencida a moralidade e a justiça.

Chegamos hoje a um ponto donde é impossivel retrogradar-se; por consequente é preciso que a poesia acompanhe a epoca em todas as suas manifestações; nas sciencias como na industria, na politica como na linguistica; na vida privada como na vida publica. Condensando-se e systematisando-se tudo quanto nos foi legado de

todas as idades, de todas as seitas religiosas, de todas as escolas philosophicas, tudo finalmente quanto ha de aproveitavel na elaboração do magestoso edificio onde a humanidade espavorida, fatigada, pelo continuo caminhar, sem rumo certo, ha de encontrar o repouso, a paz e a harmonia, em todas as suas relações, eis a obra completa. Acha-se traçada. Traçou-a o fecundo genio de Comte.

Mas é preciso demolir-se inteiramente os palacios encantados em que repousam os esqueletos do genio theocratico e o espectro medonho do espirito metaphisico. E' preciso fazer-se com que a fé vacillante do monotheismo, arvore que tem produzido tantos ramos, cujas sombras tão nocivas têm sido ao genero humano, seja substituida pela fé positiva fundada na observação. E' preciso que a bayoneta seja substituida pelo livro! E' preciso que ao éco horroroso do canhão succeda o cantico maravilhoso do amor universal.

E nesse commettimento que tem de ser de todas as intelligencias illuminadas e bem intencionadas, o poeta deve ter uma parte principal, pois que a elle, como aos homens da sciencia, compete uma missão tão difficil, um encargo tão elevado. O poeta moderno não tangendo as cordas de sua lyra senão para cantar aquillo que nos prende á humanidade, baniu a apotheose constante a *alma que se desprende da vida terrestre para uma vida futura e eterna*, e a poesia assim comprehendida reveste-se da autoridade que por tanto tempo lhe foi usurpada.

E' tão nobre e elevado o fim do poeta que canta a natureza, como o daquelle que canta a vida interna e externa dos corpos sociaes; mas para isso é preciso que um como o outro recebam da sciencia os conhecimentos sem os quaes nada produzirão de grandioso.

Como cantar-se a natureza sem o previo conhecimento dos variadissimos segredos em que se acha ella envolvida? Como estudar-se a sociedade sem ter-se a menor noção da historia da humanidade?

« Não sirva a natureza, a luz das alvoradas
E as rosas das campinas
Só para descantar as faces purpurnas
Das vossas bem amadas. »

G. Junqueiro disse nesta estrophe o que se poderia dizer do primeiro caso.

Condemnar o vicio, o crime, sem aconselhar os meios de reprimil-os é provocar o seu desenvolvimento ; por isso é necessario que o poeta entre no estudo de semelhantes phenomenos retemperado e convencido da verdade da sciencia. E' assim que comprehendemos o poeta do seculo XIX.

Antes de concluirmos este obscuro artigo não podemos deixar de felicitar a mocidade brasileira por contar como sentinellas avançadas de suas destimidas phalanges, talentos vigorosos e eminentemente cultivados, que lhe ensinam a trilhar na senda luminosa traçada por A. Comte, como os Srs. Drs. Luiz Pereira Barreto e Benjamin Constant Botelho de Magalhães, aquelle com o livro, e que na França, onde se lê, já seria conhecido de todo o mundo civilisado, este, pela palavra correcta e abundante inspirada nas doutrinas do seu grande mestre, palavra que tem produzido tão bellos resultados onde quer que seja proferida.

Raindo tambem para nós a aurora que por entre a escuridão das noites tempestuosas occultavase no oriente, contamos que as artes, as letras e as sciencias regeneradas pela luz purpurina que a acompanha, elevaram nossa sociedade ao nivel de uma civilisação purificada, para então tomarmos o lugar que nos compete no banquete fraternal das nações americanas.

Rio, 10 de Março de 1878.

DANTAS BARRETO.

Sua alcôva

Elle dort, regardez : quel front noble et candide !
Partout, comme un lait pur sur une onde limpide,
Le ciel sur la beauté repandit la pudeur.

A. DE MUSSET.

E um Christo pendurado na parede
Com os olhos quasi mortos já sem luz,
Olhava para o anjo que dormia,
Pois á cima de seu leito estava a cruz.

Quem sabe se não era a virgem mãe,
Cujá alma lá do céu deixava o trilho,
E vinha, quando a noite era bem triste,
Adorar a pia imagem de seu filho?

Pois quem visse, a seu lado, n'uma mēsa,
Uma imagem de alabastro, de Maria,
Julgava qu'essa estatua tão divina,
Era o busto da criança que dormia.

O seu somno innocente era tão brando,
Como o casto dormir de uma criança,
Enlevada nos descuidos da innocencia
Sem ao menos, do futuro ter lembrança.

Era pallida—o seu rôsto immaculado,
Recostado sôbre a mão por travesseiro,
Lhe dava a expressão de quem medita
Nos sonhos de um futuro feiticeiro.

Seus negros cabellos desprendidos,
Cobrindo um lindo côlo alabastrino,
Deixavão se entrever uma cruzinha
D'essas pedras de um brilho purpurino.

Os finos lencões de branco linho
Que o descuido do somno arregaçara,
Descobriam um cõrpo de Corina
Que só um cutro Ovidio bem pintára.

Em cima de uma mēsa de porphyro
Que o cinzel de um artista embellezara,
Se gosava as teteias da princēza...
Tão lindas que uma santa as desejára!

Da janella que se abria p'r'o jardim,
Ao pé de uma florida laranjeira,
O vento lhe atirava lindas flôres
Que vinhão estrellar-lhe a cabelleira.

E ella macilenta—adormecida,
Vigiada pelo Christo e por Maria,
Era casta como os labios d'essa virgem...
Era santa como fôra essa judia...

Por cima de seu leito suspendida
Uma lampada de alabastro se embalava,
E ia pouco a pouco se movendo
Aos bafejos de uma briza que soprava.

Já do dia os fulgôres matutinos
Pelos vidros da janella penetravam,
E os trinos dos canários no jardim
A madona indolente despertavam.

De subito, ella abriu os nêgros olhos
Tão grandes como a alma de Jesus,
Deslisou-se da cama, em desalinho,
E foi ajoelhar-se aos pés da cruz.

Foi á mēsa—beijou a sua virgem,
A cruz que sobre o peito ella trazia,
E enquanto tão divina assim rezava,
Os cabellos para as costas sacudia.

Levantou-se... penetrou n'uma alcôvinha,
Onde um mystico perfume se expandia,
E temendo, talvez que alguém lhe visse
Cautelosa de suas roupas se despia...

Estava nua—que pomas feiticeiras,
Que formas divinaes... que tentação!
Se Deus de lá do céu a contemplasse
Talvez que até lhe desse o coração...

Depois, precipitou-se graciosa
N'um mar de magnolia e ambrosia,
E enquanto ella o seu corpo perfumava,
Com medo de trahir-me eu me fugia. □

Em cima da mēsinha de porphyro,
N'um album de marfim eu escrevi:
« Princeza, não me negues a ventura... »
« Que eu louco desejei quando te vi... »

PEDRO IVO.



A França

A' H. G. MIRANDA REGO

Tu és, ó França, tão grande,
Como é grande a immensidade !
Teu nome traduz idéas,
Que são bellas épopéas,
Nos fastos da humanidade :
E's o volcão que vomita
Sobre a terra, em turbilhões,
Divinas concepções,
De magestade infinita !

E's tão grande como os mundos,
E teu scenário também ;
A luz scintilla em teu craneo,
Que no seu luctar titaneo,
As trevas devassa além....
Produziste Mirabeau,
O verbo da Divindade,
Que a palavra — Liberdade,
Por toda parte espalhou !

Em teu seio, mãe fecunda,
Vastos genios, colossaes,
Firmaram o pedestal
Do Progresso Universal,
Sobre os despójos reaes !
E Voltaire, que a verdade,
Na fronte excelsa traduz,
E' o phanal qu'inda conduz
A descrida humanidade.

Q'importa q'audaz germano,
Alma fria, resequida,
Te curve o dorso titanico,
Ante o vil furor, satannico,
De seu punhal fraticida ?!
Es tão grande como antes,
Es ainda a França altiva
Erguendo-se rediviva,
Nos pensamentos gigantes !

Em teu céu inda scintilla
A luz de um astro brilhante : = —
E' Victor Hugo — o aborso,
O gigante cujo dorso
P'ra sustentar-te é bastante !
Quem tivera — Oitenta e Nove —
Quem creára Mirabeau,
Voltaire, Danton, Rousseau,
De seu posto não se móve !

Eia avante — a senda é longa,
Quero ver-te nos fastigios !
De gloria sempre repleta,
Quero ver-te sempre athléta,
Dispertar — *Barretes Phrygios* —
Que na estacada, descida,
Espera-te a humanidade
Que te pede — Liberdade —
Ar vital que dá-lhe vida.

Ind'ha *Direito Divino*,
Ha *Parasitas da Cruz* !
Vergonha, opprobrio, irrisão !
E' mistér revolução,
Ou catadupas de luz !
De thronos sobre destrócos,
Nas ruínas gigantéas,
Assenta as grandes idéas,
Nação de genios — colóssos.

Não páres — arrasta a plebe
Da tremenda prostração !
Águia — Luz ! desfralda as azas,
Corre, vôa, rompe as gazas
Dos umbraes da perfeição !
Avante, não tens rival,
O mundo te segue após...
O sec'lo conhece a voz
De teu pulmão colossal !

1876.

RODOLPHO PAIXÃO.



A ternura filial

(TRADUZIDO DO ALLEMÃO DO ABBADE SCHMID)

Eram Mario e Adelaide
Dois anjinhos de candura,
Duas pombinhas sem fel
Dois emblemas da ternura.

Buscavam de ha muito já
Com affinco e com destreza
Ao velho e excellente pae
Causar alegre surpresa.

Eis que um dia em que juntinhos
Brincavam no seu jardim
Ouviram que o ancião
Sandoso fallava assim:

Ah! se n'aquelle canteiro
Tão bella
Se ostentasse uma roseira,
Ficaria o meu jardim
Assim
Tão garboso! — tão facinho!
Como não tenho dinheiro
Sem ella
Ficará desta maneira
O pobre do meu jardim?!
Ai! sim...
E' pena não ter dinheiro!

E as ternas crianças que tinham ouvido
O simples pedido do velho ancião,
Procuram, pesquisam, se acham ensejo
Do pai o desejo cumprir sem senão.

Lá vem como sempre a roda dos annos
Volvendo os arcanos do tempo passado;
E o velho accrescenta aos annos que tinha
Mais um que não tinha tão cedo esperado.

E os filhos contentes por terem achado
O que procurado de ha muito já haviam •
Lá vão ao mercado comprar a rozeira
Mais bella e faceira das que se vendiam.

Que lindo arbustinho! Quão cheio de flores!
Que gratos odôres do seio expandia!
— E tudo dinheiro que tinham poupado!
— O fructo sagrado da economia! —

Da noite ao grato silencio
Ao jardim elles lá vão;
Levam comigo a rozeira
Com a maior precaução.
Já na terra começavam
Um buraco a escavar,
Para nelle o arbustosinho
Com geito depositar:

Como alegre ficar vai,
O' Mario, nosso bom pai!
E então dirá assim:
Quem no jardim,
Tão garbosa e tão faceira,
Me plantou esta rozeira?!
— Quem se daria ao cuidado
De cumprir o meu desejo?
Ah! já sei — oh meus anjinhos,
Caladinhos
Me quizestes surprezar;
Pois bem, vos quero pagar
Com este amoroso beijo —

Eis que de subito encontram
Quando estão neste fallar,
Um thesouro de ouro e prata,
Que fez a ambos pasmal!

Um thesouro! elles exclamam,
Depressa, mana, corramos,
Ao papai vamos contar
Do thesouro que achamos.

O velho pai se approxima,
Ouve-os o caso narrar,
Todo alegre e commovido
Assim começa a fallar:

Queridos filhos, innocentes almas
Floridas palmas mereceis de Deus;
Pois que tão cedo procurais saber
Quaes possam ser os desejos meus.

Quanto vos amo! Quanto sou amado,
Quanto extremado pelos filhos meus!
Ah! este achado, tal riqueza immensa
E' a recompensa dos cuidados seus.

Sim, meus filhinhos, lá dos altos céos
A mão de Deus vossas mãos guiou —
Por sua graça foi que um tal thesouro
Com tanto ouro para nós se achou!

Sêde, pois, filhos queridos,
Aos vossos pais e parentes
Obedientes —
Dai-lhes amor, devoção
E sereis sempre attendidos
Pelo Deus da Redempção.

HORACIO MOREIRA DE MAGALHÃES.

Chronica

Não pertencendo nós à classe dos chronistas profis-
sionaes ou, chulamente fallando, à classe dos chroni-
queiros chronicos que fornecem o sal hebdomadario ao
roda pé da imprensa diaria, e só podendo dar novidades
velhas por demais apreciadas, fica estabelecido que essa
palestra só tem por fim dar innocentes piparotes aqui e ali,
entrando na festa do respeitavel *Cendrillon* de nossos
homens, tanto sizudos como não. E mesmo applicar
puxavões de orelha á qualquer que se afastar das mais

strictas regras do bem viver. Fallamos serio, com muita especialidade áquelles que não se animarão á assignar esta Revista. Estes decididamente não tem desculpa. Quanto aos assignantes, rogamos-lhe que nunca talhem á si as carapucas. E' um acto da maior lealdade e justiça á que somos obrigado. Os programmas de todos os partidos militantes são iguaes ao nosso. E' preciso contemporizar.

Quem cahe com os cobres é inviolavel.

Foi finalmente enforcado Motta Coqueiro.

O Sr. Patrocínio revelou n'essa producção entreter relações com a vernaculidade da lingua, essa dama casquilha e anachronica com quem ninguém já se importa. Mostrou ser moço de bastante talento, mas só isso ; por que para ser romancista inda tem que parafusar muito sua *sphera intellectoide*. (1)

Foi-se tambem Yaya Garcia, e tão desenxabida como no dia em que nasceu. Inda estamos por saber que these quiz o author desenvolver em seu livro, sendo fora de duvida que elle quiz alli desenvolver qualquer these. Tratamos de descobrir o fito do pensador em meio d'aquelle langoroso idyllio e chegamos á conclusão final de que a sua these era uma these garcio logica.

Um estylo ameno e facil sem trivialidade, alguns interessantes estudos psychologicos feitos ao correr da penna, uma ou outra phosphorescencia de poesia domestica, são qualidades incontestaveis e valiosas ao livro do Sr. Machado de Assis. Mas pode convencer-se de que não são as sufficientes para tornar uma obra d'arte viavel na republica das lettras. O cantor das—*Americanas*—que acatamos e apreciamos, deve apimentar um pouco mais o bico de sua penna afim de que seus romances não morrão lymphaticos. A' proposito, um admirador da orthographia do Sr. Machado fazia a apologia d'essa com grande fogo :—« Accusão-lhe de escrever fallar com um l; quantas linguas temos nós, uma ou duas ? E a palavra—*hynverno* ! que originalidade ! parece que está mesmo com frio ! Deve-se escrever as palavras com a orthographia mais *onomatopifica* que fôr possível ! »

Este gramantico está talhado para redigir os artigos

(1) Trovada n. 11.

de fundo da *Patria* ; fundindo-se-o com o Sr. Carlos Bernardino (ou Bernardo) de Moura, teríamos em resultado a celebridade mais ousada e mais analfabetica que porventura existisse no importante batalhão dos que não sabem precisamente onde tem o nariz.

A febre amarella... ora adeus, a febre amarella tem feito derramar tantas lagrimas, que não se deve levar á mal a risota de um piparote. Um amigo nosso, inimigo irreconciliavel dos Portuguezes, mas de todos sem excepção, fica radiante quando o obituario registra grande numero de enterramentos dos individuos d'essa nacionalidade. E diz ás vezes, rôxo de colera : — « Quando tiver um filho leval-o-hei ao altar, tal qual fez o pai de Annibal, e obrigal-o-hei á jurar sobre a seguinte formula—Odio eterno aos comedores de bôca ! Guerra sem treguas aos trintas botões de todas as gerarchias ! » E' authenticico.

Fazemos um cumprimento rasgado ao grande orgão do compadre Leonardo pela magnifica acquisição que fez no talento de G. Junqueiro. Aquillo é que se chama litteratura de faca e queijo. O seu folhetim intitulado—o *Inverno*—é sem duvida alguma um descarado primor.

Aproveitamos o ensejo para pedir á mestre Leonardo que passe a vassoura em meia duzia de folhetinistas anonymos e horrorosamente insipidos que lhe sujão as paginas menores. Se sumirem-se esses *cujos*, e se além disso os proprietarios do jornal resolverem-se á não mais respeitar as barbas litterarias do Sr. Castro Cavaquinho Pêga, teremos com isso a primeira folha da America do Sul.

O Sr. Serra da *Reforma*, celebre pela barriga, celebre pelo espirito faceto e *calembourgico*, celebre por nunca ter feito a barba, etc., etc., etc., chefe real e ostensivo da compadria Castellões, tem feito grande barulho de pés e goela afim de apresentar um novo livro do Sr. Taunay ao publico.

Nós porém estamos escaldados com o Sr. Serra e com certeza não dariamos qualquer tostão de mel coado pelo seu senso critico. Gostamos infinitamente das bolhas de sabão á Tralgadabas, mas ha-de-se permittir que consideremos o seu senso critico um mero insenço sem critica de qualidade

alguma. E se pergunta onde está o nosso *sensu*, ahí vai. Falta ao Sr. Taunay, sem duvida um dos mais distinctos e laboriosos lidadores, o *segredo* da arte de escrever. Possuirá tudo, menos esse segredo, que aliás tudo é. Falta-lhe essa transparência de *estylu*, essa limpida e iriada torrente de palavras pelas quaes navega o pensamento, levado pelas brisas fagueiras de exquisita sensibilidade. Sua *invenção* e originalidade estão como que sob pressão dos *textos*, e seu *estylu* ressentindo-se d'esse esforço, torna-se pezado o alheio á esse fluido nervoso que sómente torna duravel uma obra litteraria.

Do fundo de nossa incapacidade arriscamos esse juizo, e com tal susto, que temos vontade de eliminarmo-nos pelo alcapão de nosso nihilismo absoluto. Sem modestia. Somos qual cão malcriado que avançou ladrando e que voltou murcho em plangente ganidg. Ou como um phosphoro expulso da igreja

Annuncia-se proximo apparecimento de um drama do Dr. Lucio de Mendonça, extrahido do M. de Camors, de Feuillel. Duvido. Ver par crer. A perola litteraria do delicadissimo author da Dalila—perde a metade de seu brilho na execução-scenica. Os exploradores francezes (que não dormem) nunca conseguirão arranjar-lhe um *scenário*. O theatro não póde dar em sua ideal nitidez aquelles quadros de incomparavel plastica e de mago perfume, que se desenhão á leitura do romance. Como por exemplo—« o encontro de Camors com Carlota chorosa e envolvida em gases defronte do espelho, a proposta terrivel d'ella quando o enleiava amorosamente entre as tranças, e a scena sublime da maldição consummada e fatal, quando elle ralado de angustias espreita a familia. Essas scenas são quasi irrealisaveis no theatro. Mas enfim tudo esperamos do Sr. Furtado Carnioli Coelho Odiot, futuro conde de Camors, actualmente n'um roda viva em roda do mundo.

Esqueci-me de fallar dos folhetins da Sra. D. Maria Amalia no *Jornal*.

Tiramos-lhe o chapéo, mimoseamos-lhe com um sorriso de plena satisfação e lhe pedimos que continue a brindar-nos com aquelles *bouquets* de inefavel frescura, que, sem malicia o dizemos, não possuímos em casa.

E os *folhetinistas* (folhetinistas, sim, pois não são ?) do *Cruzeiro* ?...

Oh ! estes ficam na gaveta até o proximo numero.

Muito obrigado á todas as redacções que gastarão conosco a chapa n. 5. Especialmente á *Republica* cuja bondade confunde-nos. O Sr. J. Serra, senão amou-se conosco, recebeu de lá uma beijoca pelo acolhimento sympathico que fez á Revista. Ha de sahir deputado.

U. D.

ASSIGNATURA

Anno..... 6\$000
Semestre..... 3\$000
Numero avulso..... \$500

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na
Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113